

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**O ESPAÇO DA SALA DE AULA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE  
POSITIVA DA CRIANÇA NEGRA**

**Por: Ana Grazielle Gomes Ferreira  
Matrícula: 20012351028**

**Rio de Janeiro  
2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**Ana Grazielle Gomes Ferreira**

**O ESPAÇO DA SALA DE AULA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE  
POSITIVA DA CRIANÇA NEGRA**

Monografia de conclusão do curso de Pedagogia apresentada em cumprimento à exigência parcial para obtenção do título de Pedagoga junto a Universidade Federal de Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, sob orientação de Prof<sup>a</sup>. Maria Elena V. Souza.

**Rio de Janeiro  
2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

Dedico este trabalho monográfico a  
todas as crianças negras e a todos que lutam  
por uma sociedade sem discriminação racial.

*Ana Grazielle G. Ferreira*

### Agradecimentos

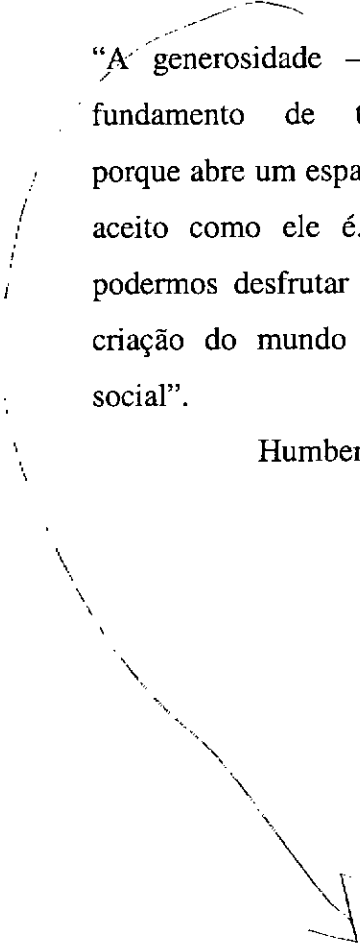
Agradeço a Deus por me dá força e coragem em mais uma trajetória e vitória em minha vida e em especial à:

Minha mãe, pelo amor, carinho e compreensão e toda a minha família, por ter me ajudado nas horas mais difíceis de minha vida e na composição deste trabalho monográfico.

Aos meus colegas da UNIRIO, as crianças da creche, as minhas colegas de trabalho por me auxiliarem durante o período de pesquisa.

Prof<sup>a</sup> Maria Elena V. Souza, pela compreensão, dedicação, companheirismo, profissionalismo e ajuda prestada durante toda a minha trajetória acadêmica.

Ana Grazielle Gomes Ferreira



“A generosidade – o amor – é o fundamento de toda socialização porque abre um espaço para o outro ser aceito como ele é. E, a partir daí, podemos desfrutar sua companhia na criação do mundo comum, que é o social”.

Humberto Maturana, 2002.

## Resumo

Atualmente a sociedade brasileira vem sofrendo diversas mudanças, algumas positivas, outras negativas. Tais mudanças têm impacto diretamente na vida dos cidadãos brasileiros. Pode se citar como exemplo de mudanças o avanço tecnológico em contraste com a desigualdade social e moral do povo e quem mais sofre com toda essa desigualdade é o negro.

Um das repercussões desse avanço tecnológico é o desemprego, que através da competitividade, faz com que gere falta de oportunidade aos menos qualificados. O processo de mudanças tecnológicas e ideológicas faz com que o conhecimento e o direito e a cidadania não chegue da mesma maneira para todos, gerando a exclusão, que acaba contribuindo para o aumento da violência, seja na sociedade ou no espaço da sala de aula. Aos cidadãos são negados direitos humanos básicos como saúde, educação, moradia, trabalho, cultura, segurança, alimentação, lazer e etc.

Infelizmente, o triste cenário da sociedade juntamente com a educação brasileira não conta com a colaboração de nossos governantes para a diminuição da segregação social e de cidadãos, autônomos e reflexivos de seus direitos e deveres. Pois a interesse de alguns segmentos da sociedade de que os indivíduos, não desenvolvam sua autonomia para opinarem e refletirem sobre os problemas sociais os preconceitos que inferiorizam o negro e na situação na qual se encontram. Assim, esses indivíduos tornam se alvo de fácil manipulação por parte das elites dominantes do país.

Palavras chaves: Identidade, auto-estima, valorização da cultura negra, estereótipos, preconceito racial, criança negra.

## SUMÁRIO

Introdução .....	8
①Capítulo I – CARACTERIZAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA	11
1.1 Escolas que Influenciaram os Pensamentos Racistas na Sociedade Brasileira	12
1.2 O Preconceito Contra o Negro Não se Justifica .....	14
②Capítulo II – IDENTIDADE CULTURAL E SOCIAL DO ALUNO NEGRO	18
2.1 Identidade Cultural do Negro .....	18
2.2 O Mito Negro e o conceito de Raça .....	21
2.3 Identidade Social do Negro .....	22
③Capítulo III – O PRECONCEITO RACIAL NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS	29
3.1 Atitudes no Espaço da Sala de Aula que Contribuem para o Preconceito .....	30
3.2 Os Educadores e a Minimização do Preconceito	33
④Capítulo IV – DIFERENTES PRÁTICAS EDUCATIVAS QUE CONTRIBUEM PARA A IDENTIDADE POSITIVA DO ALUNO NEGRO	37
4.1 1º Passo : Para valorização da auto estima da criança negra .....	38
4.2 2º Passo: Para a busca da valorização da auto estima da criança negra .....	40
Considerações Finais .....	43
Referências Bibliográficas .....	45

## INTRODUÇÃO

O interesse sobre o tema “O espaço da sala de aula e a construção de uma identidade positiva da criança negra” nasceu de minha experiência como profissional da educação, atuando em uma creche municipal no Estado do Rio de Janeiro, trabalhando com crianças de 0 a 4 anos, ao longo de 6 anos.

A questão do preconceito racial e a reprodução <sup>na</sup> dele na sala de aula despertavam-me interesse e curiosidade levando-me a questionar o porquê de não se discutir no espaço da sala de aula a questão do preconceito racial e a valorização do negro em nossa sociedade.

Há um ano e meio comecei a observar que algumas meninas na sala (mestiças) ficavam rindo e implicando com as outras meninas negras, chamando-as de “cabelo duro”. E eu não sabia como lidar com aquela situação e indagava como é que crianças tão pequenas discriminavam as outras colegas, devido ao cabelo ser crespo. Neste sentido, a importância desse estudo deve-se ao fato de que o que diferencia os indivíduos uns dos outros é a “cor da pele” já que pertencemos a uma única raça que é a raça humana.

Vivemos em uma sociedade com o paradigma em que tudo o que não é comprovado cientificamente não é validado. Neste sentido, os discursos de verdades são impregnados ideologicamente de preconceitos, saberes e de conhecimentos que fazem parte de nosso cotidiano e não sabemos distinguir o verdadeiro do falso. Dessa forma, os saberes posicionam e formam os sujeitos de uma determinada sociedade. A escola tem como função formar corpos dóceis disciplinados que não nos leva a refletir sobre a situação em que vivemos. Por isso Foucault (2002), afirma que a disciplina é um princípio de controle da produção de discursos, pois ela determina os limites de uma identidade que tem a forma de uma constante transformação de regras. ?

*objetivo* Como então contribuir para a construção de uma identidade positiva para o aluno negro através das diferentes práticas educativas?

Esse estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, que fundamentou minha análise sobre os aspectos do preconceito racial. Foi uma pesquisa qualitativa e descritiva, a partir de pesquisa de campo, buscando melhor compreensão do tema a ser abordado, numa perspectiva crítica (histórica e dialética).

Quando o assunto é a discriminação racial sempre há muita polêmica sobre o tema porque pouco se fala sobre o preconceito racial em nossa sociedade. E no espaço da sala de aula? Logo, a cultura e a identidade negra africana não são valorizadas e sim “mascaradas”



que tentam inculcar a falsa idéia de aqui no Brasil não existe o preconceito de cor, acreditando-se, assim, no mito da falsa democracia racial.

Agnes Heller (2000) afirma que *“enquanto indivíduo o homem é um ser genérico já que é produto e expressão de suas relações sociais (...)”* (p.21). Neste sentido, a identidade do indivíduo é construída socialmente, interna e externamente e, quando esse indivíduo sai do processo de alienação sobre o preconceito racial, ele passa a questionar o que está a sua volta, assim como a discriminação “mascarada” em nossas famílias, escolas e convívio social. Heller (2000), também afirma que *“O pensamento cotidiano implica também em comportamento”* (p.43).

O espaço da sala de aula pode superar o preconceito contra o negro que está pautado na desinformação. A cultura negra africana é tão rica que poderia fazer parte dos currículos de nossas escolas, sendo utilizado principalmente no espaço da sala de aula. No entanto, ela é marginalizada e pouco conhecida.

Segundo a revista Nova Escola, a população negra obteve importantes conquistas na educação. Primeiro foram os Parâmetros Curriculares Nacionais que desde 1988 orientam a promoção da igualdade em um dos temas transversais denominado pluralidade cultural. Mas, um passo maior e significativo para o ensino foi dado com a publicação da lei 10.639 do ano de 2003, tornando obrigatório o ensino da história da África e dos Afros Brasileiros no ensino fundamental e médio. Mas, por enquanto só algumas escolas em São Paulo, implementaram essa lei e aqui no Rio de Janeiro não há registro de que alguma escola tenha adotado tal lei.

Portanto, na verdade o que se vê, na maioria dos livros didáticos é o preconceito e estereótipos raciais. A história da população negra é contada a partir da escravidão, sendo assim, é muito importante focar as contribuições dos africanos para o desenvolvimento da humanidade. Negros e brancos deveriam ter as mesmas oportunidades e igualdade de direitos em todos os setores da sociedade, mas, esse é ainda um passo a ser conquistado. Hanchard (2001) afirma que:

*A cultura parece ser o único campo em que os brasileiros negros têm uma relativa autonomia em seu relacionamento com os brancos. Enquanto isso negros e mulatos são excluídos das oportunidades de educação e empregos reservadas aos brancos, além de predominantemente relegado a situações de status econômicos e inferiores (p.93).*

Portanto, a questão racial é assunto de todos os setores de nossa sociedade e deve ser conduzida para uma conscientização de igualdade de condições entre todos os seres humanos e a sala de aula seria uma mediação importante para essa conscientização.

## CAPÍTULO I

### CARACTERIZAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UM BREVE HISTÓRICO

No início do século XX, existia no Brasil um complicado sistema de classificação multirracial pluralista. Em 1850 acabou o tráfico de escravos e em 1888 havia meio milhão de homens escravos <sup>que se tornaram</sup> livres, de todas as etnias, e o Brasil foi o último país a abolir seus escravos africanos e a classificação racial desses homens se dava - e ainda se dá - conforme o fenótipo de cada indivíduo.

Se formos analisar o sistema de classificação racial dos Estados Unidos e do Brasil podemos verificar diferenças. Aqui no Brasil, como citado acima, o sistema de classificação é multirracial, ou seja, há um falso mito da “democracia racial” proposto por Gilberto Freyre em 1936. Não existindo o preconceito de cor aqui no Brasil, o mulato estaria fadado a um meio termo entre a raça branca e a negra, diferentemente dos Estados Unidos que o mulato é considerado negro devido ao sistema de classificação ser birracial (SKIDMORE, 1976).

No Brasil do século XVII, os escravos eram em maior número apesar de existir um grande número de homens livres de cor antes da abolição da escravatura, em 1888. A falta de mão de obra branca especializada e semi-especializada fez com que os colonizadores europeus criassem e legalizassem uma nova classe de homens livres de cor para desempenhar certos tipos de trabalhos. Os negros sempre constituíram a maioria da população, até a imigração se instituir no Sul e no Centro Sul do país, alterando esse equilíbrio de raças. (SKIDMORE, 1976).

O ideal de branqueamento sempre esteve presente na sociedade brasileira, porque ser branco é ter sinônimo de cultura, inteligência, um ideal social. Acreditava-se que ao longo do tempo, o Brasil “embranqueceria”, pois, conforme estudos e teorias racistas, almejava-se o branqueamento por parte da população de pele escura que procurava uma certa mobilidade social.

Os senhores de escravos, no entanto eram pais de muitas crianças mestiças em seus relacionamentos com as escravas ou quando abusavam sexualmente das mesmas no

interior das senzalas e da casa grande e por sua vez os homens de pele escura também se relacionavam com mulheres de pele clara envolvidos assim no “clareamento” da população.

Skidmore relata que com o grande número de escravos libertos, houve um enorme contingente de homens livres que se dirigiram para a cidade em busca de um trabalho, e como esta não comportava tanta mão de obra livre, havia o temor de uma grande desordem, devido a essa nova realidade social. Os bandos que se associavam aos capoeiristas causavam preocupação à elite brasileira: “As ações dos capoeiristas foram incluídas no código penal em 1890. Reforçando assim a teoria do branqueamento de que o negro no país causava atraso e desordem social ao país” (SKIDMORE, 1976, p.64).

Os brasileiros de classe social baixa e a maioria dos homens negros encontravam dificuldades devido à mão de obra não ser especializada, tendo que competir com imigrantes do Sul, criando obstáculos de se estabelecer social e economicamente na sociedade que já se encontrava capitalista. *Quando?*

Os negros nunca foram aceitos em nossa sociedade devido à discriminação racial, prova disso são os relatos de nossa história.

*“Em 1904 os negros eram impedidos de servir como guardas no teatro lírico do Rio de Janeiro”.*

*Em 1906, um editorial provava a discriminação tanto para preto quanto para mulatos no recrutamento da guarda cívica, ou milícia estadual de São Paulo.*

*Em 1907 marinheiros pretos foram impedidos de uma missão naval que partiu dos Estados Unidos e o governo brasileiro foi acusado de tentar mostrar um outro tipo de brasileiro nos Estados Unidos e na Europa um Brasil branco A marinha, porém havia sofrido desfeitas dos Estados Unidos por motivo racial:*

*Em 1905 um brasileiro cruzador fundeou em Norfolk Virgínia foi recusada a hospedagem de alguns oficiais negros”(SKIDMORE, 1976, p.64).*

Aí está a dita “democracia racial” em que negros e brancos convivem harmoniosamente, cada qual no seu “devido lugar”. *conviviam. faziam corrente da atualidade*

### 1.1 Escolas Que Influenciaram O(s) Pensamento Racista(s) Na Sociedade Brasileira

O Brasil adotou posturas racistas influenciadas por escolas dos Estados Unidos e da Europa, por estudiosos, cientistas *quem?* e grande parte de intelectuais latino-americanos que seguiam e idolatravam tudo o que vinha dos Estados Unidos e Europa com base em estudos científicos. Antes de 1914, considerava-se que o negro era o que causava o “subdesenvolvimento na sociedade brasileira” (SKIDMORE, 1976).

A primeira escola racista dos Estados Unidos foi a escola etnológica biológica que disseminava a idéia de que as raças negras e indígenas seriam inferiores e distintas da raça branca, devido a suas características físicas e que por pertencerem a um determinado grupo ou lugar agiriam e se comportariam de um modo distinto, e isso se daria devido a um determinismo biológico, a chamada poligenia. Essa teoria tinha o propósito de qualificar “o negro como inferior” devido ao fator biológico.

O clima também era considerado como um fator que ajudava a “suposta inferioridade” sobre o povo negro. O calor influenciava o Brasil nesse atraso, diferente dos países nórdicos que eram países frios e ajudavam no “modo de agir dos europeus”. Foram feitos estudos até de medidas de crânios, esqueletos e testes de inteligência para provar a correlação entre caracteres inatos e culturais e de que o negro era inferior ao branco.

A segunda escola foi a histórica que propagava uma ideologia de que a raça branca seria considerada como superior a outras civilizações e que ao longo da história teria existido o triunfo das raças criadoras (anglo-saxônicas), esquecendo das grandes contribuições de outras civilizações.

A terceira escola foi a darwinista que perpetuava a espécie a partir de uma escala social onde as raças “superiores” e mais aptas sobreviveriam e que as raças “inferiores” se acabariam (SKIDMORE, 1976).

A questão do preconceito sempre esteve presente em nossa sociedade, sendo reforçado a partir de teorias racistas em que o negro é sempre subjugado, inferiorizado e marginalizado, como se o “problema de atraso do País” se restringisse ao negro.

Nina Rodrigues <sup>referência</sup> foi um grande estudioso sobre a influência dos africanos no Brasil. Doutor e mulato foi precursor nos campos da etnologia afro-brasileira e medicina legal. Ele identifica os grupos lingüísticos e discute a assimilação africana no Brasil, mas, apesar de trazer grandes contribuições com seus estudos e ser mulato, era racista.

Ele explicava a “inferioridade do negro africano” com bases em estudos científicos e que, por serem “inferiores”, a responsabilidade penal deveria ser atenuada. Os mestiços, como ele, eram considerados um problema, classificando-se em três grupos: o tipo superior, os degenerados e os estáveis socialmente. <sup>quem?</sup> Reforçavam teorias racistas de que o Brasil só evoluiria com o suposto branqueamento da população brasileira.

O branqueamento aconteceria com a diminuição da população negra devido à natalidade e a mortalidade por doenças. Acreditava-se também que com a miscigenação a população poderia embranquecer. A tese de Lacerda (1911) baseadas em critérios científicos exerce a concepção mais popular do branqueamento na qual é possível “limpar o sangue” de vestígios negros em três gerações!

Roquette Pinto usando uma projeção estatística acerca da constituição da população brasileira, dá um prazo de cerca de 100 anos para os negros desaparecerem e o número de índios e mestiços serem mínimos. Sylvio Romero foi pioneiro a tentar a interpretação da tese do branqueamento no Brasil, no qual predomina a tese do branqueamento com a purificação das três raças inferiores (o índio, o negro e o mestiço), resultando um povo com o fenótipo branco (SEYFERTH, 1989, p. 15).

Os estudos sobre as relações raciais no Brasil vão se modificar, em 1940, a partir do movimento <sup>em que</sup> de militantes e cientistas negros, como Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento, com o Teatro Experimental do Negro, fundado em 1944, patrocinando o primeiro Congresso do Negro Brasileiro, <sup>que</sup> tinha como objetivo revelar o preconceito de cor e a discriminação racial. Mas, a questão do negro só passou a ser mais bem analisada a partir da década de 1950, por um grande projeto da UNESCO que contou com a participação de cientistas sociais brasileiros, franceses e americanos.

Pode-se constatar quanto tempo levou para se estudar a questão do negro aqui no Brasil. Isso só prova que ao negro <sup>foi</sup> é dada pouca importância. Quanto tempo mais terá que levar para entender que o negro é um ser humano e que deve ser valorizado como um cidadão, independente da cor da sua pele.

## 1.2 O Preconceito Contra o Negro Não Se Justifica

A escravidão não é justificativa para o preconceito contra o negro, já que homens, negros e de todas as cores, pobres, foram escravizados. Os escravos sempre fizeram parte da história com as guerras, as cruzadas e os preceitos da Idade Média <sup>no qual</sup> em que uns poucos nasceram para prosperar e outros para servir e trabalhar. Os escravos da Idade Média trabalhavam em terras de senhores feudais em troca de comida e moradia. Não há relatos históricos de que esses escravos foram acorrentados, maltratados e apanhavam porque a sua

cor era diferente do senhor feudal. É claro que existiu violência, morte e não se pode ignorar esse fato. (GUIMARÃES, 1999).

Por que então discriminar o indivíduo por sua cor? O argumento de que uma determinada raça é “superior” ou “inferior” a outra é ideológico. Por que o negro “causa medo” a um povo europeu “ariano”, dito “civilizado”, que cultua um Deus com fenótipo europeu determinado pelo mundo cristão, catequizado e doutrinado? Por que fazia parte dos alcançar-se-ia a “salvação ensinamentos da Igreja que obedecendo a esse Deus Divino”? Todos os outros povos que cultuam a um outro Deus, que não o do mundo cristão, são considerados pagãos porque não estão doutrinados no mundo cristão e nem catequizado por leis “divinas”.

Os negros são considerados tão “inferiores” que todos os seus mitos foram considerados heresias. Como resistência, a população negra, os associou a santos católicos a fim de preservar a sua religiosidade sejam o candomblé e a umbanda. Aqui no Rio de Janeiro, assim como em tantas outras igrejas do Brasil existem igrejas consideradas dos pretos como na Bahia e em Minas Gerais. No Rio de Janeiro, podemos conhecer a Igreja São Benedito dos Homens Pretos e a da Escrava Anastácia, ambas localizadas no centro do Rio de Janeiro.

Uma outra forma de organização, luta e preservação da cultura e língua africana e de seu modo de vida e sua religiosidade são os guetos e os quilombos que de alguma forma poderia ser considerado um “sindicato organizado” e ainda assim classificam o negro com um ser “menos inteligente e inferior” ao branco.

A discriminação contra o negro não pode ser classificada somente como um fator econômico, e sim ideológico, pois, considera-se o negro como um ser “menos capacitado” do que o branco devido à cor de sua pele. Se fosse apenas pelo fator econômico, a solução estaria na distribuição de renda entre os negros e brancos. Bastaria igualar essa distribuição desigual e o problema estaria resolvido.

O inconsciente impregnado de preconceito faz com que essa ideologia esteja presente na vida e no cotidiano dos seres humanos, já que o usamos para expor nossas idéias e pensamentos que temos de determinadas pessoas e situações.

O negro foi arrancado de suas raízes, de seu país para o desenvolvimento de diversas civilizações e mesmo assim carrega o estigma de submisso, inferior, indigente entre

muitas outras classificações pejorativas. O respeito por esse povo lutador deveria fazer parte de todas as culturas, inclusive <sup>na</sup> da cultura brasileira.

No entanto, criamos uma ideologia de que o negro é preguiçoso e inferior por natureza se deixando escravizar, sendo comparado inúmeras vezes com o índio. Mas nos esquecemos que, quando os colonizadores aqui chegaram, o índio já se encontrava em terras brasileiras, havia uma cultura constituída nesse solo e mesmo sem conhecer o inimigo colonizador, eles resistiam e lutavam, até serem catequizados.

Os negros foram arrancados de seu país de origem, de suas raízes, e viram as culturas de seu povo dizimadas, <sup>M</sup> muitos deles não resistiam e morriam. Esse povo, sempre sacrificado, perdia suas referências. Era preciso construir outras e mesmo assim é falsa a idéia de que o negro se deixou escravizar por uma cultura ideológica dita superior.

A escravidão do negro encontrou justificativa humanista e filosófica. Filosoficamente, questionava-se se o negro escravo poderia raciocinar, como declara **Montesquieu**. Quanto ao modo humanista, essa ideologia queria fazer acreditar que de certo modo quando o negro era arrebatado de seu país de origem, ele estaria saindo da ignorância e teria assim com a escravidão novas e mais possibilidades de desenvolver-se. A escravidão seria um benefício para ele. /

Esse discurso também se estendia às crianças escravas que mantinham um certo laço afetivo com as senhoras mães, sinhás do engenho, participando do carinho da mesma e brincando com os filhos dos senhores, vivendo uma infância “muito feliz” e que seria tratada melhor do que muitos filhos de trabalhadores livres. Não se falava <sup>na</sup> da dura realidade que a criança negra escrava teria que enfrentar, arrancada de sua família sofrendo traumas psíquicos violentos. Logo, “a ideologia racista conjuga aspectos parciais de verdade como uma proposta universal” (LIBANIO, 1995, p. 78).

O preconceito racial encontra justificativas e meios para discriminar, apesar do grande debate que envolve a discriminação aqui no Brasil. A tese de que o preconceito de classe é mais forte que o preconceito racial é <sup>invalidada</sup> desvalidada por todos os estudos feitos sobre o tema nos últimos anos, mesmo quando se usam diferentes metodologias. É o que aponta uma pesquisa divulgada pelo Ipea que analisou os trabalhos sobre relações sociais no Brasil, publicados na década de 1940 e 1950 e a partir do final da década de 1970.

Os estudos mais recentes “comprovaram que, ainda que se comparem brancos e negros de mesmo nível sócio econômico, ocorrem desigualdades entre eles inatribuíveis a



outras fontes que não racismo”, atestando o texto que tem como título: A Mobilidade Social dos Negros Brasileiros, do consultor de diretoria do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), Rafael Guerreiro Osório.

Os trabalhos produzidos nas últimas décadas, afirma Osório, demonstram que a desigualdade racial não pode ser causa apenas da herança da escravidão. Nas suas palavras:

*“A ideologia racista inculcada nas pessoas e nas instituições leva à reprodução, na sucessão das gerações e ao longo do ciclo da vida individual, do confinamento dos negros aos escalões inferiores da estrutura social, por intermédio de discriminação de ordem distinta, explícitas, veladas ou institucionais, que são acumuladas em desvantagens ([www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br), p.7-8).*

Neste sentido, a caracterização do negro na sociedade brasileira, ainda é vista de forma discriminatória e sem justificativas verdadeiras.

*Se houver uma justificativa  
"verdadeira", então seria válida  
a estigmatização?*

## CAPÍTULO II

### IDENTIDADE CULTURAL E SOCIAL DO ALUNO NEGRO

*de onde definições?*  
*1. sobre a*

O preconceito tem como significado fazer pré-conceito de determinados comportamentos valores, uma opinião ou um conceito formado sobre determinada pessoa, coisa ou objeto. O preconceito está relacionado à ignorância de não saber lidar com a diversidade existente no mundo.

Os conceitos que formamos, concordamos ou adquirimos como nossos, ou que foram a nós transmitidos, a partir de varias gerações, através de estereótipos, não têm justificativas admissíveis que os sustentem como legítimos e verdadeiros. E isso acontece quando discriminamos o negro, o índio, o nordestino, o homossexual e os portadores de alguma deficiência. *por exemplo.* Nesse contexto darei destaque à criança negra e como a sua identidade é devastada pelo ideal de ego branco. Abordarei, portanto, como o negro se comporta e se sente na sociedade, no processo de “desconstrução” de sua identidade devastada pela identidade do branco.

#### 2.1 Identidade Cultural do Negro: o ideal de ego branco

As características da cultura de cada grupo étnico determinam o comportamento de seus membros. Os negros quando vieram para o Brasil trouxeram hábitos e costumes diferentes dos seus colonizadores e dominadores e essas manifestações aconteciam ativamente, motivo pelo qual o colonizador fazia questão de não permitir o contato exagerado de negros da mesma ~~na~~ *pe* nação. Essa questão cultural demonstrava que os negros não eram tão selvagens como *pe* fazia querer parecer.

As inúmeras línguas faladas eram um fator de ~~pr~~ *principal* dificuldade para organização porque os negros vinham de lugares diferentes, por isso a dificuldade na comunicação e organização social e política, levando-os à estratégia de criar uma língua em comum para que pudessem se comunicar.

Com a criação desse código de linguagem, eles se organizaram nas senzalas para que os escravos de grupos étnicos diferentes pudessem entender o trabalho na lavoura e sua

condição de escravo, ampliando o universo organizacional de lazer, de práticas religiosas e comunicação em geral.

Os negros tiveram sua religião renegada, pois, só era permitido aceitar os dogmas e preceitos da igreja católica. A religião africana não era aceita e considerada perigosa. Eles eram obrigados a se catequizar e se batizar coletivamente pela igreja católica, que era uma estrutura de monopólio de poder, a fim de civilizar e dominar, a partir do sagrado, influenciando os negros de forma político - cultural e socialmente (MOURA, 1994, p.179,180).

Segundo Costa (1983), *“ser negro é ser violentado de forma constante, contínua, e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro”* (p. 2).

Costa (1983) ainda nos aponta a ideologia dominante de discriminação do negro como um ato de violência racista porque, a partir do instante que o negro deseja ser branco, ele rejeita sua cor rejeitando também seu corpo. Logo *“a identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer que o corpo obriga-lhe a sentir e a pensar”* (p. 6).

Ao negro, o ideal de “brancura” é latente, pois, vivemos em uma sociedade em que o branco significa pureza, desenvolvimento, progresso, beleza e verdade. O negro não encontra referências em nossa sociedade quanto à sua história, sua cultura, sua contribuição e a de seu povo para as mais diversas civilizações.

Existem negros que por serem artistas ou conseguirem ter sucesso, como os jogadores de futebol, deixam de ser negros para serem famosos. O indivíduo troca o atributo desprezado por um outro, apreciado e valorizado pelo branco, não valorizando assim a sua negritude porque ser branco ou se parecer com o mesmo em nossa sociedade é ser aceito sem medo de discriminação. Nesse sentido, a identidade do negro é devastada pelo ideal do Ego branco provocando no negro a vontade de se parecer com o homem branco, tanto físico quanto socialmente.

Reconhecer-se enquanto negro é fundamental para uma auto-afirmação, na construção de uma identidade positiva sem culpa, de sua cor, de seu físico, sentindo prazer de ser negro buscando assim uma igualdade de direitos. Muitos negros se refugiam em uma fantasia de alienação quanto a sua posição social e moral, negando assim sua identidade.

Para Costa (1983) existem dois processos ~~de psiquismo~~ de construção negativa da identidade negra: “aderindo à ideologia racista da cor, o sujeito cauciona o mito fabricado pelo branco. Não apenas aceita a sua como um predicado pejorativo, como pensa que suprimindo-a enquanto representação do espaço do pensamento, estará suprimindo sua identidade negra” (p.13).

O segundo processo refere-se ao “sujeito negro delegando ao branco o direito de definir sua identidade... renuncia ao diálogo que mantém viva a dinâmica do pensamento”.(p.13)

O indivíduo para não sofrer desprazer tenta se desfazer de sua identidade negra como se fosse algo estranho que, na maioria das vezes seu pensamento não sabe qualificar, sendo difícil para esse indivíduo se autovalorizar, logo a população negra constitui sua identidade a partir do homem branco. O ideal de Ego do negro é o ideal imposto pela sociedade como um ideal a ser seguido e que quer dizer ser elitista, letrado <sup>q</sup> bem sucedido: é um modelo a ser escolhido. ?

Mas, à medida que o negro toma consciência do racismo, ele pode controlar de maneira consciente a alienação imposta pela cultura de “superioridade” branca que ele foi forçado a desejar. É importante, então, que a família crie uma auto-estima positiva e aflore na criança o desejo dela ser negra, ter orgulho da sua cor, de seu cabelo, de seu corpo, da cultura negra africana, de seus conhecimentos e significados lingüísticos. É preciso que a criança negra tenha uma boa relação com o seu corpo para quando se tornar um adulto possa ter orgulho de ser negro e de suas características físicas, pois o corpo é um instrumento e um elemento simbólico dentro da identidade.

É preciso, portanto, uma luta coletiva para ~~a busca de~~ uma visão positiva da identidade do negro e esse trabalho deve começar na infância, com a ajuda da família e da

escola para a conscientização de que o negro faz parte de nossa cultura, e de que são seres humanos e precisam ser respeitados e valorizados.

## 2.2 O Mito Negro e o Conceito de Raça

O mito negro está baseado em estereótipos sobre sua cor e potência sexual. Ele é tido como feio, ruim, irracional, sujo, exótico entre outros <sup>termos</sup> pejorativos, que partem de um discurso ideológico discriminatório de desvalorização da figura do negro, anulando assim sua história.

*“O mito é uma fala, um discurso verbal \_ verbal ou visual \_ uma forma de comunicação sobre qualquer objeto: coisa, comunicação ou pessoa. O mito negro configura-se numa das variáveis que produz a singularidade do problema negro” (SOUZA, 1993, p. 25).*

O funk, o rip\_rop, <sup>o</sup>samba, geralmente, são tidas <sup>consideradas</sup> como “coisa de favelado” e ao negro são associadas músicas tidas como ruins. Por esses e vários outros motivos já apontados nesse estudo, a grande maioria dos afrodescendentes se rejeita e se anula, pois, não encontra referências, acha-se sem “capacidade”, não se acha merecedora de conquistar um espaço no mercado de trabalho. Se a sociedade <sup>?</sup> os impõe que não são merecedores, os mesmos têm sempre que tentar combater essa ideologia que já está internalizada ~~no cotidiano dos indivíduos~~, como sendo uma atitude “normal”.

Mesmo depois do rompimento da sociedade escravocrata por uma sociedade capitalista competitiva, o negro continuou sofrendo essa visão deformada e estereotipada de inferioridade. Ele havia conseguido a liberdade tão sonhada, porém, nessa liberdade continuava exercendo o papel de submisso e disciplinado, sendo segregado e marginalizado. O branco continuava na condição de dominador.

Assim, a *“herança da sociedade escravocrata, a desigualdade racial que colocava o negro a reboque das populações nacionais, era preservada e reforçada pelo preconceito de cor que funcionava como mantenedora hegemonia branca nas relações interraciais” (SOUZA, 1983, p. 22).* *onde está na bibliografia?*

Alguns negros cansados de serem subjugados se dividiam entre se assolar no marasmo da sua condição social ou romper com a barreira de ser estigmatizado e ser

*essa é a ideia de...  
essa ideia revela...  
um preconceito...?*

associado a sinônimos de miséria e de pobreza. O negro que conseguia romper com essa barreira era considerado como exceção em um país preconceituoso, claro que de forma velada, que segrega o cidadão afro-brasileiro.

Neste sentido, a ascensão social para o negro significava realização, um basta à marginalização, um meio de se sentir respeitado e digno como o branco que era assim considerado como um cidadão nacional. O negro está à prova a todo o momento de sua capacidade e ele tem que ser sempre o melhor, para ter um pouco de dignidade.

A sociedade escravocrata ao determinar o negro africano como escravo, definiu o negro como raça delimitando seu espaço e classificando-o como inferior diante das mais diversas interações com o homem branco. Mas, o conceito de raça é entendido aqui como uma noção ideológica que produz um critério social para direcionar uma situação social em uma sociedade de classes. Hanchard (2001) define o termo raça como a diferença de fenótipos e símbolos de distinção social. Os significados e as categorias raciais são construídos em termos raciais e não biológicos. Já Guimarães (1999) relata que: *“a distinção entre formas de discriminação e preconceito, baseadas em identidades sociais, parece, portanto, ser mais de ordem ideológica que de ordem processual (p.22)”*.

### 2.3 Identidade social do negro

A construção do ideal de Ego branco para o negro, é o indivíduo se anular e se negar a qualquer característica de identidade própria. Assim,

*“O contexto familiar é o lugar primeiro onde a ação constituinte do ideal do Ego se desenrola. É aí onde se cuida de arar o caminho a ser percorrido, antes mesmo que o negro, ainda não sujeito, a não ser ao desejo do outro, construa o seu projeto de chegar lá. Depois é a vida de rua, a escola, o trabalho, o espaço de lazer”.* (SOUZA, 1983, p. 36).

A partir de uma nova reconstrução de ideal de ego negro e a partir de uma nova militância política, que esteja de acordo com os interesses e valores da história do negro como meio de recuperar a auto-estima, e a fim de se auto-afirmar, o negro tem a possibilidade de conquistar seu lugar de fato na sociedade.

No Brasil, o racismo é implícito quando nas lojas de shopping só são aceitas pessoas de boa “aparência”, quando nas novelas os negros são tratados como empregados e

*freqüentemente*  
 são sempre marginalizados. Neste sentido, os cidadãos brasileiros negros não refletem a sua posição na sociedade.

*“O processo de negação dos elementos da cosmovisão africana determina ao afro-descendentes uma desvalorização pessoal e desenvolve a “perspectiva do direito de dominar para os grupos humanos mais adiantados que os outros” (d’Adesky, 1996, p. 91) e, em decorrência, mecanismo de exclusão da população afro-descendentes por parte do grupo considerado hegemônico. Como nos aponta Souza (1991), a identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. O afro-descendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberta, e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor”.*(FERREIRA, 2000, p. 41).

Ferreira (2000) aponta que a miscigenação aqui no Brasil se torna uma fuga para o mito da igualdade de direitos entre brancos e negros fazendo com que o preconceito fique mascarado. Já que as pessoas com características fenotípicamente brancas são mais aceitas socialmente do que os indivíduos com fenótipo negro, a busca pelo “clareamento” é intensa.

*“A cor da pele e as características fenotípicas acabam operando como referências que associam de forma inseparável raça e condição social, o que leva ao afro-descendente a introjeção de um julgamento de inferioridade, não somente quanto ao aspecto racial, mas também em relação às condições socioeconômicas, implicando o favorecimento de uma concentração racial de renda, de prestígio social de poder por parte do grupo dominante”* (SOUZA, 1991, p 41).

Como se comportar em uma sociedade onde as maiorias dos produtos são voltadas para a cultura do branco europeu, onde o modelo de mulher bonita é ser loira e branca de olhos azuis, onde as mocinhas das novelas são belas e alvas e os produtos de beleza são feitos especificamente para peles claras. O nosso mercado não é voltado para a população negra, até parece que negro não consome.

*A elite brasileira auto-indentifica-se como branca. Assume características do branco-europeu como representativas de sua superioridade étnica. Assim, no Brasil, criou-se historicamente a crença de ser a miscigenação um processo pelo qual o afro-descendente tornar-se-ia mais respeitado e teria mais possibilidades de ascender na escala social. A “ideologia do branqueamento” reflete-se, entre outros exemplos, nas narrativas populares que incluem referências à necessidade de “limpar o sangue, por meio de sucessivos casamentos entre negros e brancos. A miscigenação tem servido de argumento para se afirmar o quanto o brasileiro” aceita “a convivência de raças, isto é, o quanto” não há preconceito no Brasil* “(FERREIRA, 2000, p. 41, 42).

Portanto, a identidade é pensada como uma referência em torno da qual o indivíduo se auto-reconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a

partir da sua relação com o outro. A identidade está relacionada à imagem que temos de nós, e aquilo que somos e a diferença está ligada àquilo que o outro é ou o que pensamos dele. Neste sentido, identidade e diferença estão em estreita relação. Neste sentido, as afirmações sobre diferença são compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade. } ?

Aqui no Brasil é difícil para as pessoas <sup>que definiram</sup> definir sua identidade, já que a grande maioria dos brasileiros não sabe <sup>definir</sup> definir ou não querem assumir sua cor. Apenas uma pequena minoria dos brasileiros se considera negro<sup>s</sup>. Como fazer políticas públicas se a maioria da população não se considera negra? A identidade auto-afirmada e a exposição da diferença interpenetram o desejo dos diferentes grupos sociais, estando unidos em uma relação de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser dissociado de uma relação mais extensa de poder “A identidade e a diferença não são nunca, inocentes” (SILVA, 2003 p.81).

A divisão da sociedade entre o eu e o outro significa classificar e essa classificação é feita a partir do que a pessoa <sup>se considera</sup> constitui como sendo bonito, feio, certo, errado, puro e impuro. Tal classificação é central na vida social e pode ser interpretado como o modo pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupo e em classes. As classificações são feitas a partir do ponto de vista das identidades. Classificar e dividir significa hierarquizar e por isso o sentimento de superioridade de um indivíduo ao outro, atribuindo valores (SILVA, 2003.p.81).

O outro é encarado como uma ameaça que causa uma desordem à identidade do eu, que de certa maneira se encontra numa certa ordem. A ordem é aqui considerada como uma coisa boa, civilizada, superior e a desordem como uma coisa ruim, inferior. Ao outro é negado o direito de exercer sua identidade, pois, o determinismo do eu prevalece.

Derrida, filósofo francês, destaca que as relações de identidade e diferença ordenam-se todas em oposições binárias entre feminino/ masculino, branco/preto, heterossexual/homossexual e questionar essa relação de poder entre identidade e diferença significam problematizar o binarismo que existem entre eles (DERRIDA apud SILVA, 2000, p.83).



A identidade e a diferença estão ligadas a símbolos. A identidade é um significado cultural e socialmente atribuído à teoria cultural. Atualmente está associada a sistemas de representação e é por meio dessa representação que a identidade e a diferença adquirem sentido, estando relacionadas a poder. No entanto Tomaz Tadeu (2000) afirma que: “*Quem tem o poder de representar tem o poder de definir a identidade*” (p.90).

Portanto, é a cultura que forma a identidade. E a classe que detém o poder nesse país é quem determina qual a parcela da população vai poder exercer sua cidadania e ter direitos básicos à vida humana como: saúde, educação e moradia, direito de tentar ser cidadão, criticando, opinando lutando por uma condição de vida mais justa.

O indivíduo é um ser que busca constantemente superar seus desafios e toma como referência suas experiências adquiridas ao longo do tempo. Se quando adultos a chamamos experiência de vida, quando crianças buscam informações sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca. (ROMÃO apud CAVALLEIRO, 2001, p.172).

O negro no Brasil só é valorizado por sua condição econômica ou quando é reconhecido por seu desempenho no esporte ou na mídia. O Brasil é um país voltado para os brancos não possuindo uma identidade voltada para os negros ou afro-descendentes, que é a maioria no Brasil.

Segundo Romão (2001), a cultura é construída socialmente, produzida coletivamente e a interiorizamos desde o nascimento fazendo parte de nossa personalidade em um determinado grupo. Ela relata que uma educação que promova a auto-estima da criança negra de maneira positiva deve seguir os seguintes passos:

1º Passo: O educador deve compreender que os alunos são diferentes e que cada indivíduo dentro de sua diversidade carrega consigo saberes.

2º Passo: O educador deve ter a consciência de que quando se fala em diversidade, falam-se de diferentes pessoas grupos culturais e diferentes regiões, países e continentes da cultura européia que todos já sabem. Da cultura africana ninguém sabe porque só é falada no dia da consciência negra. O que não pode acontecer é essa reafirmação da cultura dominante como se os outros povos não existissem. Negros e índios são tratados sempre como iguais dentro de um mesmo contexto.

3º Passo: O educador deve ter a atitude de promover, estimular e desenvolver no educando os aspectos emocionais, físicos, cognitivos e culturais. É preciso que se elimine o preconceito e os estereótipos, rejeitar estigmas e respeitar a vivência e a história de cada um. É necessário que o espaço da sala de aula seja um espaço de diálogo e de respeito à diversidade.

Uma escola que promova uma auto-estima positiva deve estar preparada para lidar com as diferenças - o educador muitas vezes não está preparado para lidar com o diferente - não padronizar todos os alunos tomando um como modelo. <sup>M</sup> Muitas vezes os alunos negros são rotulados como aqueles que não aprendem porque são defasados culturalmente e economicamente, conclusões estas baseadas em estereótipos racial e cultural.

Essa atitude discriminatória dos professores com os alunos negros só reforçam a baixa auto-estima dessas crianças, levando-as a um <sup>sentimento</sup> processo de inferioridade, não se preocupando com mudanças estruturais sérias para reverter essa situação na sala de aula, reproduzindo também a marginalização racial e social na sociedade.

O indivíduo negro precisa construir sua identidade racial a partir de uma nova referência étnica de vida em que seja valorizada a cultura negra africana. Ferreira (2000) defende o reconhecimento de uma identidade referenciada em valores africanos a ser desenvolvida e que sinaliza a entrada dos indivíduos no estágio de militância.

*“Após o período de conflito no qual o afro-descendente vê desarticular-se a estrutura de subjetividade provedora de sustentação e segurança, inicia-se um processo de intensa metamorfose pessoal, em que ele vai, gradualmente, demolindo velhas perspectivas e, ao mesmo tempo, passa a desenvolver uma nova estrutura pessoal referenciada em valores etno-raciais de matrizes africanas. Para Cross (1991), não é ainda o momento da pessoa ver-se transformada, mas sim, aquele no qual ela decidiu por uma mudança.” (FERREIRA, 2000, p 79).*

Para Helms (1993 b), os indivíduos nessa fase pegam para si uma identidade que julga ser a correta, pois, adotam comportamentos, ideologias, modos de pensar e sentir e, no caso da população negra essa identidade é estereotipada pela cultura do branco, sendo essa referência de grupo definida externamente, caracterizando-os como devem agir.

*“Ao adentrar neste estágio, ela está muito mais familiarizada com os aspectos da identidade a serem destruídos do que com aqueles para os quais se dirige. Os limites de sua estrutura pessoal entram em colapso e suas referências passam a ser valoradas de maneira negativa. Entretanto, a pessoa ainda não tem familiaridade com a nova estrutura que deseja desenvolver, com a pessoa que deseja tornar-se.”*  
(p. 79)

Ferreira (2000) define esse estágio do afro-descendente como intermediário em que o indivíduo não sabe direito como agir, adotando uma postura radical em suas expressões tendo uma visão dicotômica de mundo. Em busca de uma transformação, de uma nova identidade, daquilo em que quer se tornar, passa a questionar e julgar o outro afro-descendente que se encontra em meio à ideologia e a conformação de padrões pré-estabelecidos, desenvolvendo uma intenção de hostilizar pessoas que aparentemente evidenciam antigos valores e a de afirmar os novos de uma forma inalterável.

Esse processo pode levar a decisões extremadas, devido a essa visão dicotômica de mundo, considerando todos os brancos inferiores e todos os negros superiores tornando assim a cor da pele como fator de superioridade. Nesse sentido, para Reis (1997), o mestiço se encontra em uma situação complicada, pois está submetido a ser um e <sup>o</sup> outro: um branco-não branco e um negro não negro.

Cross (1991) e Helms (1993b) classificam esse processo psicológico de modificação de indivíduo em duas fases: a primeira imersão e a segunda emersão. Esse primeiro período de imersão é conflituoso porque o indivíduo negro passa a ser um militante da causa negra afirmando seus valores.

Esse novo militante tem apoio do grupo e esses novos membros passam a lutar contra a discriminação, valorizando a cultura negra africana, fugindo do conformismo e se libertando dos valores da cultura branca. Revolta-se pelo tempo que passou alienado e por opressões sofridas a outros negros, tendo orgulho por aderir a matrizes africanas.

A identidade desse indivíduo em imersão pode ser considerada uma pseudo-identidade negra que se caracteriza por uma aversão aos valores brancos. Figueiredo (1995) e Ferreira (1996) apontam que o próprio militante negro quando exerce sua identidade e exclui o branco acaba cometendo o mesmo erro por que passaram os negros e não transformam essa nova situação.

A militância é uma etapa importante para o desenvolvimento da identidade do indivíduo porque favorece e resgata os valores, a cultura e a história do povo negro durante o processo de socialização, construindo uma identidade e uma auto-estima positiva na criança negra no espaço da sala de aula. Não adianta militar seja em qual vertente for, se não aceitarmos a diferença. Mas, a militância seja qual for a vertente política, religiosa, conservadora ou revolucionária deve exigir a busca por um diálogo na aceitação da alteridade, porque senão volta ao mesmo processo de exclusão e preconceito contra os brancos europeus.

## CAPÍTULO III

### O PRECONCEITO RACIAL NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

A existência da discriminação causa violência seja ela física ou psicológica. É fácil achar que o preconceito só existe nos outros e na maioria das vezes deixamos de olhar para atitudes de nosso cotidiano, e não percebemos o quanto de nossos valores está repleto de preconceito, porque o pior das atitudes discriminatórias é achar que não possuímos preconceito.

Em todo o espaço de sala de aula é possível observar a utilização de meios pedagógicos como meios de transmissão de saber, através dos quais os indivíduos compartilham conhecimento por meio de símbolos e valores. Neste sentido, o espaço da sala de aula é organizado para cumprir uma função social que, em geral, está de acordo com as demandas sociais. A escola, portanto, tem como objetivo principal formar um indivíduo apto a assumir seu espaço em uma sociedade, ou seja, produtivo, que tenha boa interação com seu grupo e em seu meio social.

Além disso, as instituições de ensino teriam como função promover uma educação voltada para a reflexão, mas, a inserção das crianças no espaço escolar muitas vezes é feita de maneira arbitrária. A justificativa está em possibilitar ao sujeito acesso ao conhecimento e conceitos que formam a vida em sociedade para então poder competir no mercado de trabalho. (KREUTZ, 1999).

Os pais consideram a escola e o espaço da sala de aula como responsáveis na função de auxiliar e possibilitar o aluno para o exercício da cidadania, através da reflexão crítica para uma ação política transformadora. Acredita-se que toda instituição de ensino possibilita a ampliação de conhecimentos, para então o indivíduo poder viver em sociedade. ?!

Mas, nem sempre essa perspectiva se realiza. Muitas vezes, o espaço da sala de aula, ao invés de promover uma ação política transformadora, faz o inverso ao reforçar o preconceito contra as crianças negras, através da violência da omissão por meio de atitudes de

alguns educadores que alegam não saberem lidar com os fatos. Não sei se por ignorância ou por acomodação, as crianças negras são as que mais sofrem com essa indiferença.

A omissão das questões que envolvem as crianças negras no espaço da sala de aula e na construção de sua identidade poderá contribuir para a afirmação da exclusão social e em outros espaços sociais.

### 3.1 Atitudes que contribuem para o preconceito no espaço da sala de aula

O preconceito nas práticas educativas se dá no momento em que o educador reforça o ensino em um padrão que atende às necessidades do grupo dominante dentro de uma concepção unilateral, desconsiderando a pluralidade cultural existente no espaço da sala de aula. Logo a sala de aula poderá ser um espaço de reafirmação do preconceito e de valores que atende uma pequena minoria.

*quais?*  
*Atende em que sentido?*

Segundo Romão (2001), pobreza material não quer dizer que a criança negra tenha pobreza cultural intelectual ou cognitiva e essa observação pode ser feita a partir do instante em que o educador leva em consideração os conhecimentos prévios do aluno, que vise a construção de conhecimentos e que não fique preso a métodos tradicionais, em que o professor seja detentor do saber e não mediador do aluno no processo de ensino e aprendizagem.

O professor deve estar atento para não exercer um processo de exclusão e violência da criança negra por meio de ações que estigmatizam e a inferiorizam como:

— “O cabelo liso, dela é tão bonito e é, tão bom de pentear”.

— “Essa criança é muito lenta para aprender, mas também ela passa por necessidades”.

— “Tia, ele falou para ela não brincar comigo, porque sou preta”.

Essas são formas de violentar e de excluir a criança negra e eu já escutei e vivenciei frases desse tipo no espaço da sala de aula e os educadores não se <sup>dão</sup> <sup>d</sup> conta o quanto de preconceito eles produzem e contribuem para essa discriminação.

Romão (2001) ainda relata que: “As crianças negras já na fase pré-escolar são discriminadas e negligenciadas quanto aos estímulos que poderiam receber a partir de relações afetivas dos educadores” (p.175).

De acordo com o PNAD-1982 (Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílios), Hasenbalg e Valle Silva constataram que quando comparados aos brancos, os negros e os pardos têm três vezes mais possibilidades de continuarem analfabetas, ou sem completar a primeira série do primeiro grau. Destacam ainda que a desigualdade de oportunidades entre negros e pardos é maior no nível superior (Unesco, 2002).

Quando os educadores não escutam as queixas e nem as justificativas dos alunos negros, estão contribuindo para as desigualdades e essas atitudes podem levar com que a criança abandone a escola, já que essa é uma forma expulsá-las e negligenciá-las.

Segundo Romão (2001), alguns educadores que dizem estar preocupados em trabalhar as características de seus alunos acabam elegendo um modelo de aluno “ideal” que deve ser “espelhado” pelos outros alunos. Ela classifica essa atitude de etnocentrismo educacional que parte do princípio de negação à diferença dos alunos, como a sua cor, sua cultura e suas características físicas.

Para esses alunos tornarem-se “alunos ideais”, eles devem negar suas referências ou essa atitude pode levar a uma reação contrária, a um sentimento de revolta e resistência contra essa forma de aculturação. E, quando em sala de aula, o aluno que protesta contra essa negação, a sua referência não é entendida pelo professor e esses tipos de resistência são interpretados como “rebeldia e indisciplina”.

Neste sentido, tudo que não atende à demanda etnocêntrica da disciplina branca é considerado indisciplina ou comportamento marginal e a criança negra sempre leva a culpa pelo insucesso ou por seu fracasso escolar. Não se pensa na modificação da mentalidade do

educador e das instituições de ensino, pois, o problema está nas estruturas que afetam de forma direta o comportamento das crianças negras (p.168,169).

A criança negra poderá sofrer com a violência simbólica, manifestada pela ausência de outras crianças negras no contexto escolar, ou pela linguagem verbal, insultos e piadas provenientes de seu grupo social, demonstrando de modo explícito o desrespeito dirigido aos negros, aprendido muito cedo pelas outras crianças.

Sendo assim, a criança negra pode tomar para si esse discurso e se sentir marginalizada desvalorizada e excluída de seu meio, sendo levada a uma idéia errônea de que não é merecedora de respeito ou dignidade, julgando-se sem direitos. Esse sentimento de inferioridade está pautado nas formas de preconceito dirigidas às crianças que passam a acreditar que para serem “aceitas na sociedade” é preciso corresponder às expectativas da ideologia dominante. E como afirma Gonçalves e Silva,

*“As pessoas situam-se humanas através de seus corpos diante do mundo, da sociedade que as rodeia, da comunidade, onde vivem, da classe e grupos a que pertence. As mulheres e homens negros têm seu corpo negado e visto como objeto pela sociedade (o mito das mulatas e da superpotência sexual dos homens). É seu corpo negro que revela a si próprios, os que fazem descobrir se alienados, ao se comportarem como se não fossem negros. É seu corpo negro que os leva a darem se conta de que, independentemente de suas idéias ou gestos embranquecidos, para os outros o seu corpo físico se objetiva como negro” (GONÇALVES E SILVA, 1987, p.233; 1988 p.103).*

Perante a lei somos todos iguais, mas, na verdade a cor da pele e a condição social provam o contrário. À camada mais pobre da população - e nelas se incluem os negros - são negados direitos básicos como saúde, educação trabalho, lazer e moradia que são condições básicas à vida humana.

→ sub. título ?

Quando há “batidas policiais”, o suspeito de assalto é sempre o negro. As religiões como a umbanda e o candomblé são sempre estereotipadas como sendo do mal ou de macumbeiros. Em vagas de emprego onde se exige boa aparência, o negro na maioria das vezes é excluído. No mercado de trabalho quando o negro e o branco exercem um tipo de função com as mesmas competências e habilidades, o negro sempre ganha menos que o branco. As crianças negras não encontram referências na sociedade. São poucos os comerciais com crianças negras. Também é difícil encontrar bonecas negras. A maioria das crianças só



tem bonecas loiras e de cabelo “liso”. A nossa sociedade é toda voltada para os brancos. Portanto, a lei de igualdade de direitos só vale para uma minoria da população.

O tema Pluralidade cultural permite por meio da vida escolar esclarecer eventuais preconceitos, colaborando para um convívio mais democrático. De acordo com os PCN's “*ao rejeitar toda discriminação de raça/etnia, classe social, crença e sexo*”, é possível auxiliar os alunos no desenvolvimento de atitudes e de empatia com aqueles que sofrem a discriminação. Nesse contexto, o exercício da cidadania deve levar em consideração que as diferenças sejam levadas em conta para que a igualdade seja alcançada (BRASIL, 2000 p.59).

### 3.2 Os Educadores e a Minimização de Preconceitos

As instituições de ensino, assim como os educadores, podem contribuir para mudar em suas práticas educativas esse tipo de comportamento que está pautado na desinformação. Nos livros de histórias, os príncipes e as princesas são loiros, a mocinha é sempre branca e o empregado e o ladrão negro. E em nossas práticas educativas reproduzimos a discriminação das crianças negras da mesma maneira, quando os anjos das peças de natal são brancos e de cabelos encaracolados e o Papai Noel, branco. E nas peças de teatro, escolhemos as crianças mais clarinhas para serem o personagem principal. As crianças negras muitas vezes ficam de fora.

A reprodução de estereótipos negativos para a população negra, parte na maioria das vezes do adulto que dissemina o preconceito através de atitudes. Por que a culpa de todas as coisas ruins é sempre do negro? Quem vai querer ser negro se a sociedade responsabiliza o negro de todas as mazelas?

*“...Professores fazemos parte de uma população culturalmente afro brasileira, e trabalhamos com ela; portanto, apoiar e valorizar a criança negra não se constitui em mero gesto de bondade, mas preocupação com nossa própria identidade de brasileiros que têm uma raiz africana. Se insistimos em desconhecê-la, se não a assumimos, nos mantemos alienados dentro de nossa própria cultura, tentando ser o que nossos antepassados poderão ter sido, mas nós já não somos. Temos que lutar contra os preconceitos que nos levam a desprezar as raízes negras e também indígenas da cultura brasileira, pois, ao desprezar qualquer uma delas, desprezamos a nós mesmos. Triste é situação de um povo, triste é a situação de pessoas que não se admitem como são, e tentam ser, imitando o que não são.” (GONÇALVES E SILVA, 1995, p.175).*

Não temos, em nossos currículos, práticas de combate ao racismo. O Brasil é multicultural e a nossa pedagogia não está preparada para a inclusão dos excluídos. Como formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres se não questionamos sobre a situação atual do país em que já estão pré-estabelecidos conceitos de discriminação racial e de desigualdade social?

Conforme o documento oficial *“os conteúdos do tema pluralidade cultural estiveram presentes na escola de maneira freqüente, porém colaborando para a disseminação de preconceitos”*, Isto é, o tema é exposto no contexto escolar de maneira inadequada, provocando conflitos ao invés de difundir conhecimento e consciência na escola, e conseqüentemente na sociedade (BRASIL, 2000 p.99).

A postura dos educadores em sala de aula deve ser modificada quanto à importância da cultura negra africana. Não adianta estar na lei <sup>o fato de ser</sup> que agora <sup>é</sup> obrigatório o estudo da África nas escolas, se não existir um comprometimento com a disciplina. <sup>questão</sup> Segundo estudos da Unesco (2002), *“instituir a história da África como um continente único e com uma população com os mesmos traços culturais derivaria em considerar todos os africanos como idênticos, ou seja, sem traçar os limites de suas tradições e contradições”* (p. 40).

Os educadores, principalmente na educação infantil, precisam possibilitar às crianças negras vivenciarem histórias com personagens negros e mostrar a elas que também existem príncipes e princesas negros, enfatizando que o nosso país não é um país de brancos, homogêneo, e sim plural, heterogêneo com uma grande diversidade de pessoas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam a questão da pluralidade cultural, no contexto escolar, como um desafio, reconhecendo a riqueza dessa diversidade etno-cultural, investindo na luta contra todo o tipo discriminação, tomando como foco principal os direitos humanos dos cidadãos (BRASIL, 2000).

Os educadores devem possibilitar às crianças o debate e o questionamento no espaço da sala de aula sobre situações em que os negros sejam tratados de forma pejorativa como em músicas, novelas, comerciais, desenhos e nos livros sejam de história ou didático.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, dentro do conteúdo Temas Transversais e Ética, propõem uma educação comprometida com a cidadania. A cidadania é algo que está ligado ao respeito mútuo e deve fazer parte do convívio escolar, apesar, de existir diferenças entre as pessoas (BRASIL, 2000).

A educação escolar, sozinha, não pode ser um elemento de combate contra o racismo e a intolerância, como propõem as normas e as leis que se direcionam a ela, sem que haja “deliberado empenho em recriar as relações sociais com que vamos construindo nossa identidade e nossa nação” (SILVA, p.31). É preciso que as propostas educacionais atendam a coletividade relacionada à comunidade negra, a partir de uma formação sólida e não fragmentária, e não apenas a um pequeno grupo dominante.

Segundo Cavalleiro (2002), as posturas do educador para uma educação anti-racista deveriam estar pautadas em:

1. Reconhecer a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Buscar, permanentemente, uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudiar qualquer atitude preconceituosa discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuidar para que as relações interpessoais ente adultos e crianças negras e brancas sejam respeitadas.
4. Não desprezar a diversidade presente no ambiente da sala de aula e no espaço escolar utiliza a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos os alunos.
5. Ensinar às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Buscar materiais que contribuam para a eliminação do “eurocentrismo” dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de “assuntos negros”.
7. Pensar meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial (UNESCO, 2002 p. 54).

A família, assim como as instituições de ensino, têm papel fundamental na construção de uma auto-estima positiva da criança negra e o silêncio sobre a discriminação do negro na sociedade contribui ainda mais para as atitudes racistas.

A presença do Movimento Negro, a partir de ações sistemáticas é de extrema importância nas instituições de ensino na tarefa de recontar a história do negro na África e no Brasil a partir de grupos que há séculos se organizam, na reivindicação de educação para os negros por meio de manifestos, teatro e música.

Desde o aparecimento do movimento negro no Brasil, foram muitas as sugestões que visavam identificar os problemas de integração da criança negra no espaço da sala de aula e escolar, visando a inclusão da comunidade negra na sociedade de maneira mais justa e menos discriminatória.

A partir de estudos, o movimento negro durante algum tempo trabalhou com a identidade racial de jovens negros para sua auto-afirmação de valores culturais e sociais, com propostas políticas de reivindicação de direitos em todo os aspectos, sendo a educação prioridade tanto na identificação das defasagens e das diferenças quanto no tratamento da criança negra no espaço escolar (KABENGELE, 2001).

As instituições de ensino podem contribuir para um currículo multicultural, podendo problematizar a realidade sem preconceitos e valores pré-estabelecidos, em que os indivíduos tenham a oportunidade e a possibilidade de se estabelecer socialmente.

Romão (2001), afirma que é preciso educar para a igualdade e isso requer alguns desafios em que as diferenças devam ser preservadas. Desta maneira, os educadores deveriam estar preparados para a conscientização de seus alunos e não para a reprodução. Educar exige analisar, respeitar os conhecimentos que são construídos no dia a dia e a realidade de cada criança.

É importante que os educadores, a família e a escola estejam atentos para educar as crianças para a diversidade e o respeito mútuo entre as pessoas, pois só assim poderemos contribuir para a formação de cidadãos conscientes.

## CAPÍTULO IV

### DIFERENTES PRÁTICAS EDUCATIVAS QUE CONTRIBUEM PARA A IDENTIDADE POSITIVA DO ALUNO NEGRO.

Ao longo da infância, as crianças vão se descobrindo enquanto sujeitos sociais, e constroem conceitos e conhecimentos a partir de questionamentos, indagações, valores e da interação com os adultos, descobrindo o mundo que as cerca. Neste sentido, o espaço da sala de aula deveria ser um espaço de ampliação de conhecimentos em que se favorecesse a diversidade, mas não é o que acontece. As crianças negras em sua maioria são as que mais sofrem porque mal começaram a vida e já conhecem a dura realidade do que é ser negro, e às vezes essa discriminação acontece no espaço da sala de aula.

“Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar” (FREIRE, 2002, p.67).

Desta forma, o professor tem que ficar atento a qualquer forma de preconceito e discriminação, atuando com seriedade e compromisso através de questionamentos e do diálogo com os alunos sobre a questão racial em nossa sociedade contribuindo para eliminar a imagem depreciativa do negro.

No Brasil, existe uma grande exclusão social das classes menos favorecida. O governo não investe em saúde, educação não oferece oportunidades no mercado de trabalho. Para a criança e o adolescente existe até um estatuto mas o governo não cumpre com que está na lei. Logo, os indivíduos pobres além de passar por essas dificuldades, ainda têm que lutar contra a barreira do preconceito racial.

Segundo o Estatuto da criança e do adolescente (1988), no que se refere ao direito à vida e à saúde reza que:

ART. 7º — “A criança e o adolescente têm direito à proteção à vida e a saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitem o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso em condições dignas de existências” (CAPÍTULO I, p.9).

Está na lei, mas, o governo não cumpre com a implementação de políticas públicas para a população pobre e negra que precisa de condições mínimas de sobrevivência porque poucos são os que têm direito de exercerem sua cidadania.

Durante a pesquisa de campo, que foi realizada na creche Municipal Nise da Silveira, com crianças de 3 a 4 anos foram feitas mudanças em minhas práticas educativas, e no “olhar” sobre a criança negra porque o preconceito maior estava em minhas atitudes e valores e nas atitudes dos demais colegas em reproduzir ações que levavam à discriminação.

#### 4.1 1º Passo: para a valorização da auto-estima da criança negra

O primeiro trabalho feito para eliminar e deixar de reproduzir estereótipos contra o negro foi o trabalho com o livro “Menina bonita do laço de fita”. A história da menina bonita do laço de fita fez um grande sucesso e foi uma surpresa na sala, pois, as crianças ainda não haviam visto nenhuma historinha, a não ser a do saci *pêrerê*, em que o personagem principal era uma criança negra. Elas adoraram e ficavam imitando o coelho da história e repetiam “*menina bonita do laço de fita, do laço o que é que você faz para ser tão bonita*”. O coelho fazia de tudo para ficar preto e bonito como a menina bonita do laço de fita. E todas as crianças na sala queriam ser como a menina bonita do laço de fita. Esse livro trabalha com a valorização e a auto-estima da criança negra.

E logo depois da historinha, uma das crianças da sala a **S.** me perguntou: “Tia, porque a menina bonita do laço de fita é pretinha?” Eu, então conversei com as crianças provocando reflexões e questionamentos, perguntando:

— “Eu sou igual à mãe de vocês”.

— O **I**, falou: “Não tia, minha mãe não é gorda”.

Então, eu expliquei que as pessoas são diferentes umas das outras: umas são gordas, outras magras, outros brancos, outros pretos, uns baixos, outros altos, uns são homens e outras mulheres.

Eu sou gorda e vocês deixam de gostar de mim? Eles responderão que não. E continuava indagando as crianças **B.** você é igual ao **W**? E eles respondiam que não. **M** você é igual a **K**? E a resposta foi a mesma: não. Então nós temos que entender que a não ser os gêmeos, ninguém nasce igual ao outro e às vezes nem os gêmeos nascem iguais. O importante é que saibamos respeitar as pessoas mesmo que sejam diferentes da gente. Parece que elas entenderam.

Depois de toda essa discussão, as crianças desenharam a menina bonita e o que me chamou atenção é que algumas crianças desenharam a menina bonita com o lápis de cera preto dizendo que ela era pretinha e outras a desenharam colorida dizendo que ela era muito bonita.

As crianças nessa <sup>qual?</sup> idade ainda não têm bem definido na cabeça o preconceito de cor. Quando converso sobre a questão do negro, explicando que todos nós fazemos parte de várias pessoas, de vários lugares como se fôssemos uma mistura de bolo, explicando que minha avó que era negra se casou com meu avô que era branco e daí nasceu minha mãe que é negra que se casou com meu pai que também é negro, eu nasci negra que quer dizer o mesmo que ser preto. (Eles identificam falar preto e não negro por isso digo que sou preta). Por isso somos diferentes. Algumas crianças não compreendem quando digo que sou preta. Então elas dizem “tia, você não é preta, não. Você, não é da cor do papel”. E acabam dizendo que eu sou de outra cor marrom.

Kabenguele (1996) aborda as seguintes questões: *“O que é ser preto ou ser pardo nessa sociedade em que cerca de 40% da população se compõem de afro – brasileiros?”* Então, eu vejo como é complicada essa denominação de pardos, brancos e negros definida em nossa sociedade e explicar isso para crianças tão pequenas é bem difícil.

Os pais também são responsáveis pela reprodução do preconceito, passando-o para as crianças, como aconteceu na sala com o J. Quando ele falou para o V. que não era para ele brincar com a K. porque ela era preta, eu o questionei: - Mas, a sua avó não é preta da cor da K e ele respondeu que sim. \_ E você deixa de gostar dela porque ela é preta? E ele respondeu que não, argumentando: “Foi minha tia que me falou isso, para eu não brincar com criança preta”.

Dessa forma, o preconceito, muitas vezes, é gerado dentro do âmbito familiar e as crianças o reproduzem no espaço da sala de aula. Logo, o papel da família é primordial para a conscientização e a valorização e auto-estima da criança negra na construção da identidade, de maneira positiva.

As peças de teatro na creche, geralmente, são feitas quase todo o mês com temáticas como: A festa da Primavera, Chapeuzinho Vermelho, Festa do Sítio, enfim elas são reproduzidas de acordo com o planejamento pedagógico. As crianças claras, geralmente, são escolhidas para representarem papéis e numa ocasião aconteceu a festa da primavera e foi escolhida como princesa uma criança loira. Eu questionei e comentei com as outras educadoras o porquê de não ter nenhuma criança negra para ser a princesa do jardim, e uma

delas me respondeu: “Com a Grazi fica mais bonito. As outras crianças são muito envergonhadas” (as outras crianças são as negras). Então, eu levei para o debate e questionamento das outras educadoras falando: “Será que elas não são envergonhadas porque não damos oportunidades a elas de serem flores, princesas e por isso elas se tornam esquecidas?” Existiram alguns questionamentos, mas, foi tomada uma decisão: as princesas deveriam ser também as crianças negras assim como as flores, já que a maioria das crianças da creche são negras. Não seria coerente continuarmos reproduzindo estereótipos. Era importante que as crianças negras tivessem orgulho de sua cor e se sentissem importantes dentro do espaço da creche ou em qualquer festa.

Hoje na creche as peças de teatro são feitas com um outro olhar as crianças negras participam de todas as atividades sem serem “esquecidas” devido à cor de sua pele ou por causa de seu cabelo. ~~As~~ Peças como a da Branca de Neve <sup>seu</sup> teve uma adaptação, agora chama-se Negra e Bela como a noite. As princesinhas agora também são negras e as crianças negras que participam de papéis principais da peça adoraram a idéia

Quando se fala sobre a questão de se trabalhar as diferenças no projeto político pedagógico da creche não se fala sobre as diferenças raciais. Parece tão “natural” todo o estereótipo sobre o negro, que os indivíduos têm medo de assumirem que são negros, de tentar mostrar uma outra realidade a essas crianças: que ser negro não é vergonha para ninguém.

#### 4.2 2º Passo para a busca da valorização da auto-estima da criança negra.

Outro livro a ser trabalhado na sala foi o livro a Cor da Vida. É um livro imagético, pois, não possui legendas e tenta passar que entre negros e brancos não existe discriminação racial, A proposta para as crianças foi para que montássemos uma história, mas antes houve uma conversa sobre o livro no qual eu fazia algumas perguntas e as crianças respondiam como: \_\_ “Alguém saberia me responder como são as crianças da historinha?” E algumas responderam que era uma menina e um menino e associaram a cor da menina da história à menina bonita do laço de fita e o menino era de cabelo amarelo e de óculos e algumas crianças começaram a associar a cor da menina à cor da mãe, do pai, da avó e do irmão. Alguns também associaram a cor do menino de óculos a alguns familiares. A história ficou da seguinte forma:



“A menina bonita do laço de fita e o menino de óculos foram passear e fazer compras com a mamãe e estão indo para a escola”. A mãe deles foi trabalhar e eles vão ficar sozinhos brincando. A mãe do cabelo amarelo (que é a mãe branca, assim denominado pelas crianças da sala) e a mãe de batom rosa (que é a mãe negra) estão assustadas com a mão na boca e com medo porque o lobo mal queria pegar elas. Elas parecem que vão brigar, e jogaram um monte de coisa para o alto e saíram correndo, porque estava saindo tiro. As crianças estão brincando, aí <sup>mãe</sup> ~~mãe~~ deles chegaram com a mão na cintura e viram eles dormindo. Eles acordaram e as mães queriam abraçar os filhos delas e saíram correndo. Cada mãe pegou o filho trocado e perdeu o sapato deles. Eles estão abraçados e são amigos “.

Após a história eu pedi que as crianças me falassem qual das mães eles achariam mais bonita.

O meu objetivo foi analisar o porquê deles acharem a mãe negra ou a mãe branca mais bonita. A turma ficou dividida da seguinte forma: de 18 crianças na sala 50% acharam a mãe de cabelo amarelo (que era a mãe branca, assim foi denominada pelas crianças) mais bonita e as outras 50% acharam a mãe de boca rosa mais bonita.

Perguntei, então, a algumas crianças o porquê da escolha. As que escolheram a mãe branca foi porque ela estava mais bonita de pulseira, saia, brinco e anel. (essas crianças que escolheram a mãe branca suas mães são negras). E as outras 50% escolheram a mãe negra porque pareciam com suas mães ou alguém de seus familiares que elas gostavam muito

O que eu pude concluir é que as 50% das crianças que escolheram a mãe negra achavam-na bonita, mas pouco enfeitada. Isso mostra que até no livro de história como esse, a mãe negra não estava tão bonita como a outra mãe, segundo a opinião das crianças, reforçando o mito de que o negro não gosta de se enfeitar. As crianças também gostaram muito desse livro. ??

Hoje, no espaço da sala de aula e enquanto educadora comprometida com vidas humanas, eu tento trabalhar da melhor maneira falando da África, de maneira que a criança entenda que existem lugares em que as maiorias das pessoas são negras (no caso pretas) e que nesses lugares existem reis e rainhas negros e que todos são muito bonitos assim como todas as crianças e tias da creche.

A postura na valorização e auto-estima da criança negra na creche é outra. As crianças já são carentes de tantas coisas primordiais à vida que não podemos excluí-las e discriminá-las também dessa maneira.

por a preocupação com a beleza?

As crianças também já apresentam algumas mudanças quanto ao preconceito que tinham do cabelo de seus amigos classificando os cabelos como “duro”. Existiu todo um trabalho de valorização do cabelo mostrando e falando como podem ser feitos diversos penteados e de diferentes maneiras, nas crianças ditas de “cabelo duro”. Foi exposto também para as crianças que cada pessoa possui um tipo de cabelo diferente e que todos os cabelos são bonitos. Neste sentido, as crianças <sup>podem</sup> passam a valorizar e gostar de seu tipo de cabelo.

A maioria das crianças negras <sup>s</sup> não encontra <sup>m</sup> referências de suas características na sociedade, quando é feita alguma atividade de pesquisa, na sala como, por exemplo: No dia das mães, em que foi proposto que as crianças procurassem figuras de mãe, algumas indagaram que na revista não <sup>havia</sup> tinha nenhuma mãe da cor da mãe deles. Logo, as crianças começam a observar algumas diferenças e estereótipos impostos pela sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já faz mais de um século, desde 1888, que os escravos foram libertos. No entanto, o negro continua lutando por uma condição de vida mais justa e igualitária em meio a tanta desigualdade e exclusão, tanto no mercado de trabalho quanto na educação.

A ~~capacidade de~~ competência <sup>do</sup> negro está sempre à prova, na busca por uma chance no mercado de trabalho e mesmo o negro tendo a mesma competência que o branco ele ganha menos. Logo, a realidade para o negro é falseada, porque ao negro são negadas oportunidades, assim como para toda uma população pobre carente de direitos.

As crianças negras sofrem muitas vezes de maneira velada, quando não encontram referências quanto à beleza de sua cor, de seu cabelo, de seus olhos se sentindo inferiorizadas e marginalizadas porque tudo o que é relacionado ao negro é pejorativo ou estereotipado. Neste sentido essas crianças se sentem violentadas não encontrando auto-estima para o processo de construção de sua identidade.

A omissão contra a discriminação que envolve, em especial, as crianças negras de maneira física e simbólica no espaço da sala de aula, contribui para a afirmação da exclusão social, acarretando sérias conseqüências como não querer ser negro ou não se ver como negro.

O papel da família e da escola é de grande importância para a promoção de uma auto estima de maneira positiva, contribuindo assim para a valorização da cultura negra africana do negro e de tudo <sup>o</sup> que ~~o mesmo~~ fez para o nosso país e para as mais diversas civilizações.

O questionamento, o debate, a reflexão crítica e a militância política são de grande importância para uma ação eficaz no processo de eliminação do preconceito racial.

A educação e <sup>o</sup> currículo são partes integrantes do processo de construção de significados dos sujeitos. Logo, ao privilegiarmos uma cultura em detrimento da outra, estamos contribuindo para o processo de exclusão presente em nossa sociedade.

A oportunidade de o negro pobre poder cursar uma universidade pública é complicada, pois, os que detêm o poder sabem que se o negro tiver uma educação digna e de qualidade ele vai poder lutar por seus direitos e se fazer respeitado.

Iniciativas como a do Frei David, fundador da Educafro e do curso pré-vestibular para negros e carentes (PVNC), militante de políticas públicas, possibilitam a inserção de

alunos negros e pobres no espaço da universidade, tendo como meta a busca pela cidadania e a igualdade de direitos de toda uma população marginalizada.

As universidades deveriam ter, em seus currículos, disciplinas que permitissem a conscientização sobre o papel do negro na sociedade. No entanto, parece que não há nenhum problema de desigualdade <sup>com relação</sup> contra o negro e por isso não se discute. Poucas são as universidades que se preocupam com a questão racial do negro.

O objetivo da pesquisa foi, além de analisar a existência do preconceito racial no espaço da sala de aula de uma creche, caracterizar a situação do negro na sociedade brasileira, identificar a identidade cultural e social dos alunos negros, sugerir práticas educativas que contribuem para a auto-estima e construir uma identidade positiva na criança negra. No início eu não achei que haveria dimensões tão grandes quanto à minha postura. No entanto, ela acabou atingindo a maioria das educadoras da creche <sup>em</sup> que eu trabalho e na qual foi feita a pesquisa. Ainda é preciso que haja uma conscientização por parte dos educadores, da família, de toda a sociedade quanto à valorização do negro e de que o mesmo merece ser respeitado.

Portanto, posso concluir que a conscientização e a auto-afirmação de ser negra foi fundamental para mudar minha vida e minhas práticas educativas no espaço da sala de aula e o resultado está sendo muito gratificante, pois, sei que posso ajudar tanto às crianças quanto os educadores que trabalham comigo.

O futuro de nosso país está na <sup>em</sup> mão das crianças de hoje e se não proporcionarmos uma conscientização crítica, uma autovalorização e não respeitarmos suas necessidades não poderemos esperar mudanças em nosso país.

A minha contribuição enquanto educadora é que haja, em um futuro próximo, por parte dos educadores da família, de toda uma sociedade a valorização do negro e de que o mesmo merece ser respeitado, eliminando o preconceito pautado na desinformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, J. F. “Da cor ao corpo a violência do racismo” In: **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DISKIN, L. ROIZMAN, G. L. **Paz como se faz? Semeando cultura paz nas escolas**. Rio de Janeiro: UNESCO, 2002.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Rio de Janeiro: 1999.

FERREIRA, R. F. **Afro-descendente. Identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: ed. 8, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

**Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

**Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2001.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha B. Prática do racismo e formação de professores. In: DAYRELL, Juarez (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

GOFFMAN, E. **Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUIMARÃES, S. F. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo: ed. 34, 1999.

HANCHARD, Michael. G. **Orfeu e o Poder: O movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

HELLER, A “Estrutura da vida cotidiana” In: **O Cotidiano e a História**: São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_ “Sobre os preconceitos” In: **O Cotidiano e a História**: São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LIBANIO, J. B. **Ideologia e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1995.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento Escolar: Ciência e cotidiano**, Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

MACHADO, A. M. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Col. **Barquinho de papel**. Ed. Ática, 2000.

MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. Ed. Anita. Ltda. 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial**. EDUSP, 1996.

PATERNIO, S. **A cor da Vida**. São Paulo: ed.1, 1997. PATERNIO, S. **A cor da Vida**. São Paulo: ed.1, 1997.

**Parâmetros Curriculares Nacionais**. BRASIL, 2000.

REVISTA EDUCAÇÃO. **Brasil, mostra a sua cara**. São Paulo: Segmento, nº 65, 2002.

REVISTA NOVA ESCOLA. **A questão racial na escola**. São Paulo: Abril, nº 117, 2004.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro, In: CAVALLEIRO, Eliane ( org.) **Racismo e anti-racismo na educação. Repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

SANT'ANA, Antônio Olimpio. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. IN: MUNANGA, Kabengele ( Org.) **Superando o racismo na escola**. 3. ed. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 2001.

SEYFERTH, Giralda. As Ciências Sociais no Brasil e a questão racial. In: SILVA, Jaime; BIRMAN, Patrícia; WANDERLEY, Regina. **Cativeiro e liberdade**. Rio de Janeiro: UERJ, 1989.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. IN: MUNANGA, Kabengele, (Org.) **Superando o racismo na escola**. 3. ed. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 2001.

SILVA, JR, Hédio. **Discriminação racial nas escolas. Entre a lei e as práticas sociais**. Brasília: UNESCO 2002.

SILVA, T. T. ( Org.) HALL, S. WOODWARD, K. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: ed. Vozes, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KREUTZ, L. **"Identidade étnica e Escolar"**. In: Cadernos de pesquisa, Fundação Carlos Chagas n. 107, julho, 1999.

Sites acessados durante a pesquisa monográfica:

[WWW.Espaçoacademico.com.br/007/07oliveira.html](http://WWW.Espaçoacademico.com.br/007/07oliveira.html).

[WWW.Fundaj.gov.br/tpd/147.html](http://WWW.Fundaj.gov.br/tpd/147.html).

[WWW.Ipea.gov.br/](http://WWW.Ipea.gov.br/) texto para discussão.

**Ana Grazielle G. Ferreira**

O espaço da sala de aula e a construção de uma identidade positiva da criança negra

Professor avaliador: Sandra Albernaz de Medeiros

Nota: 9,5 (nove e meio)

2005/2

### **Comentários**

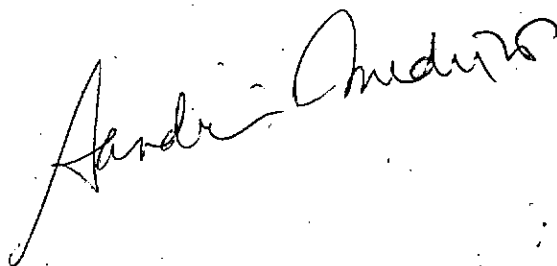
Seu tema é abordado de forma intensa e que, desde o início, mostra claramente um envolvimento pessoal. Seu objetivo é “como contribuir para a construção de uma identidade positiva para o aluno negro através das diferentes práticas educativas”. Creio que Grazielle alcança seu objetivo desenvolvendo bem suas idéias e reafirmando sua posição quanto ao preconceito racial, chaga que tem ser resolvida em nosso país, assim como em muitos outros países considerados “desenvolvidos”.

A exposição de sua prática é muito interessante e denuncia o quanto de preconceito não assumido existe dentro de muitos de nós:

A crítica a ser feita a este trabalho monográfico refere-se principalmente à questão, relativa ao conceito de identidade. Atualmente há muitas discussões em torno desta idéia, polemizando o que poderia ou pode se tornar uma atitude centrada nas relações entre iguais. Apesar disso há no trabalho alguma discussão sobre a diferença, que me parece revelar que a Grazielle tem noção da delicadeza da discussão.

Chamo a atenção de uma frase, na página 17, que diz assim: “Neste sentido, a caracterização do negro na sociedade brasileira, ainda é vista de forma discriminatória e sem justificativas verdadeiras.” Pergunto: se houverem “justificativas” verdadeiras o preconceito contra o negro seria aceitável? Na verdade, qualquer justificativa não passa disso, ou seja, uma mera justificativa, coisa que, em geral, anula o outro e o deixa aprisionado, sem voz. Qualquer guerra terá sempre uma justificativa, mesmo sendo a pior delas.

Meus parabéns, Grazielle. Espero que você continue criando um caminho profissional que tenha em vista a liberdade dos homens.







UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): ANA GRAZIELLE G FERREIRATÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: O ESPAÇO DASALA DE AULA É A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA DA CRIANÇA NEGRAORIENTADOR: MARIA ELENA V SOUZA

## FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: SANDRA A MEDEIROSNota : 9,5

Considerações:

Um anexo All

Segundo avaliador :

Professor orientador : MARIA ELENA VIANA SOUZA

Nota: 9,5

Considerações:

A monografia da aluna Ana Grazielle atende aos requisitos de um trabalho científico, pois, há coerência entre o que ela se propôs a estudar e o trabalho desenvolvido. A fundamentação teórica lhe permitiu acréscimos de conhecimentos, bem como, a observação no campo educacional. Com certeza, essa fundamentação teórica-prática "deu" a Ana Grazielle

um olhar muito mais crítico e capacitado para entender as malhas pelas quais as crianças afro-descendentes vivem na escola. Faltou, apenas, uma revisão final do texto.

Mauro Elue

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Ligia Martha Coelho

Nota : 9,5

Considerações:

O trabalho apresenta os principais elementos de uma monografia. Revê o sumário e as referências bibliográficas.

#### RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,5	9,5	9,5	28,5	9,5

Rio de Janeiro, 02/02/2006

(NOME DO/A ALUNO/A)

**(TÍTULO DA MONOGRAFIA)**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. (Nome do professor) – Orientador

---

Prof. (Nome do professor/a)

---

Prof. (Nome do professor/a)

Rio de Janeiro  
2005